

Entrevista / Interview

Entrevista com Daniela Galdino: estética literária e fotográfica em diálogo - uma encruzilhada epistemológica

*Interview with Daniela Galdino:
literary and photographic aesthetics in
dialogue - an epistemological crossroads*



Daniela Galdino 

Universidade do Estado da Bahia, Ipiaú, Brasil
Entrevistada
galdinoacademica@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3149-9046>

Elisiane Santos de Matos 

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Brasil
Entrevistadora
elis.coms@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3518-9427>

Recebido em: 16/10/2022 | Aprovado em: 29/11/2022

* Daniela Galdino é doutora em Estudos Étnicos e Africanos pelo Pós-Afro da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Possui Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2005). É Professora Assistente B na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, atuando na graduação em Letras - campus XXI-Ipiaú. Docente do Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL), UNEB-campus I. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Autoria de Mulheres na Literatura Brasileira: Percursos Transgressores na Poética de Gilka Machado (UNEB/PPG-Programa IC, FAPESB). Vice-Líder do Grupo de Pesquisa LEALL - Linguagens e Educação: Alfabetização, Leitura, Linguística e Literatura (CNPq/UNEB). Coordenadora do GRUPELE (Grupo de Estudos sobre Literatura e Etnicidade - UNEB). Atua como orientadora de pesquisas desenvolvidas por estudantes cotistas no Programa Afirmativa UNEB desde 2019. Coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa e suas Literaturas), da Unidade de Educação à Distância - UNEAD/UNEB. Idealizadora e Curadora do Circuito Editorial Profundações, destinado ao mapeamento e à publicação de escritoras em sua maioria nordestinas e inéditas. É também Poeta, Performer e Produtora Cultural.

Apresentação

A *encruzilhada epistemológica* comparece como cerne da entrevista com a poeta/performer e docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Daniela Galdino, que soma forças aos movimentos de re-existências ao mercado editorial brasileiro, criador de obstáculos à publicação e à circulação de obras literárias assinadas por escritoras e demais identidades dissidentes. A fim de combater os silenciamentos históricos, obras colaborativas, como a coletânea por ela organizada *Profundanças*¹ - antologia híbrida – literária e fotográfica – promovem, a partir do diálogo entre diferentes estéticas, a *guerrilha literária*, de outro modo, dribla o mercado editorial brasileiro. No que toca à metodologia que orientou a condução da entrevista, essa compreende a escrita de perguntas e respostas e a disponibilização por troca de mensagens, via *email*, de modo a garantir uma amplitude de temas a serem tratados e uma gama de referências, construindo interlocuções profícuas, no intervalo de tempo justo.



Crédito: Ana Lee (2022)



Crédito: Carlos Tenório (2022)



Crédito: Capa: Natali Yamas/Otávio Rêgo

¹ Link de acesso à obra *Profundanças 3*: <https://profundancas.com/>

Elisiane Matos:

Partindo de uma perspectiva comparativista, na linha do que pensava Bakhtin, a literatura é passível de se interrelacionar com outros objetos estéticos, num movimento complexo de construção de sentidos. Seu percurso enquanto poeta/performer e professora acadêmica apresenta muitas interlocuções, nesse sentido. Em caráter especial, a obra *Profundações*, cuja organização é assinada por você, traz o entrecruzamento entre a estética literária e a estética imagética da fotografia. Neste sentido, antes de mais, gostaria de saber: como a sua trajetória influencia na configuração da obra que, à primeira vista, se apresenta com um duo de significados?

Daniela Galdino:

Sou uma mulher das encruzilhadas e, como tal, acredito na potência imprevista dos encontros. O signo da inquietação é meu guia nas veredas acadêmicas, artísticas, editoriais e da produção cultural. Tenho pesquisado, há algum tempo, sobre os silenciamentos históricos impostos a escritoras brasileiras. Nessa trajetória venho construindo um entendimento de que o meu fazer acadêmico não pode caminhar apartado do fazer artístico, daí que os estudos desenvolvidos na universidade dialogam intensamente com os movimentos editoriais que tenho ajudado a consolidar no amplo contexto nordestino. *Profundações* se apresenta como uma guerrilha literária; e não existe guerrilha individual. Como bom combate produzido a várias mãos, *Profundações* é uma jornada de diálogos. Entendo que não sou a única escritora brasileira/nordestina/interiorana grávida de palavras inadiáveis. Daí que a nossa tarefa transgressora é conectar diversas escritoras que também têm as suas urgências literárias, que não podem adiar o ato de lançar palavras ao mundo – sob pena de sucumbirem. Para combater os silenciamentos históricos e as tentativas de apagamentos, temos investido em antologias híbridas – literárias e fotográficas – justamente para mediar o acesso de leitoras/es/ys a visualidades contra-hegemônicas. Possivelmente nossas antologias têm borrado os limites palavra-imagem na construção de sentidos literários.

Elisiane Matos:

Seguindo nessa linha do entrecruzamento entre a estética literária e a estética imagética da fotografia, na obra *Profundações*, pergunto: o funcionamento é mesmo dual? Há entrecruzamento e diálogo entre os textos literários e as fotografias? Se sim, de que maneira isso se dá? E, extrapolando, como este diálogo ultrapassa a materialidade da obra produzindo sentidos outros na sociedade?

Daniela Galdino:

Há entrecruzamentos, sim. Não requisitamos a fotografia como recurso ilustrativo ou acessório. Penso que o principal entrecruzamento é autoral, autorrepresentativo. A artista que escreve e, como tal, engendra transgressões a partir da - e com a linguagem literária, é a “corpa” que mapeia os lugares autorrepresentativos revelados pelos ensaios fotográficos. Em *Profundanças*, respondemos às tentativas de apagamentos com palavras e imagens irmanadas e potencializadas nas suas energias dissidentes. Os sentidos produzidos são múltiplos. Penso que a cada antologia lançada, localizamos nossas palavras e imagens autorrepresentativas numa extensa trajetória de resistência que alcança incontáveis escritoras – e suas estratégias para não sucumbirem aos silenciamentos históricos imputados pela crítica hegemônica e pelas instituições consagradoras da literatura.

Elisiane Matos:

Profundanças é produzida de forma colaborativa e disponível para *download* gratuito, a fim de “driblar” o mercado literário, que impõe barreiras materiais às publicações de mulheres, sobretudo, mulheres negras, pobres, de diversidade sexual e de gênero etc. Vislumbrando a relação mais direta entre a escrita literária, a cultura e a história, como pensou Bakhtin, no que toca a um estudo da literatura e, mais amplamente, da linguagem, é possível pensarmos numa interlocução entre a resistência implicada na vida e na obra das escritoras em *Profundanças* e o percurso historiográfico da literatura, no cenário cultural brasileiro? De outra maneira, como a relação intersemiótica da obra permite abordar questões sociais, identitárias que realizam a transitividade do estético?

Daniela Galdino:

As barreiras impostas pelo mercado editorial brasileiro obstaculizam – ainda nos dias atuais – a circulação de obras literárias assinadas por escritoras. Nossos estudos acadêmicos atestam que a inserção de mulheres nos espaços de visibilidade e consagração literária vem se ampliando ao longo de algumas décadas – desde os anos 70, por exemplo. No entanto, considero que poderíamos ter avançado mais. A misoginia, o racismo, a lesbofobia, a transfobia, o etarismo, o metropolocentrismo – enquanto produções sociais – também se manifestam nos mecanismos que permitem a edição e divulgação de livros no Brasil. Por tais questões precisamos atentar para os movimentos protagonizados por escritoras brasileiras especificamente no campo editorial. Desde os coletivos de editoras independentes, passando pelas cartoneras, saraus, clubes de leituras, dentre outros, são muitas as marés transgressoras que têm impedido o apagamento de vozes. Essa tem sido a vida de incontáveis artistas da palavra – inclusive a minha. Essa tem sido a luta travada

contra a concentração editorial que caracteriza os grandes eixos de produção cultural. Pensando nas noções de escrevivência (cf. EVARISTO, 2017) e de escrita orgânica (cf. ANZALDÚA, 2000), entendo que essas batalhas não devem ser lidas à parte dos nossos escritos. Esses combates compõem os nossos escritos. Seria possível para Conceição Evaristo suspender a sua condição de mulher negra situada numa sociedade racista, quando ela escreve e publica literatura? Poderia Graça Graúna colocar entre parêntese a sua condição de mulher indígena e nordestina ao escrever e publicar literatura num país que insiste no aniquilamento dos povos originários? Penso que não. Estou citando duas das nossas mais-velhas para dizer que essas impossibilidades também atravessam a produção das escritoras que estão em *Profundanças*. Essa luta é inconclusa. Como terceiro exemplo, cito: o Brasil tem uma dívida histórica com Gilka Machado, e todas as violências sofridas por essa escritora ao longo do século XX resultaram no seu “suicídio literário”, como bem observa a pesquisadora Maria Lúcia Dal Farra (2014). O que significa esse suicídio específico? Gilka abdicou de publicizar os seus escritos poéticos – muito embora eu suponha que parar de publicar não necessariamente significa parar de escrever. Estamos aqui, com *Profundanças* e outros empreendimentos protagonizados por mulheres, para impedir a continuidade de histórias violentas como essa vivida por Gilka Machado.

Elisiane Matos:

Ao publicar diversas escritoras mulheres, em suas três edições, a coletânea *Profundanças* parece cocriar um verdadeiro caleidoscópio de identidades – pensadas, aqui, não como algo fechado e já dado *a priori*, mas como construtos fluidos afetados social, histórica e culturalmente. No entanto, parece-me que estas diversas identidades têm algo em comum, a saber, seus corpos estão posicionados às margens da inteligibilidade ocidental – eugenista, patriarcal, sexualmente binarista e heteronormativa. Nesse contexto, como, na obra, são postas as discussões em torno do feminino, mais especificamente, do corpo das mulheres?

Daniela Galdino:

Não estou certa de que esse feminino – no singular – se manifesta em *Profundanças*. O nosso caminho implica em abarcar multiplicidades com todas as potências e tensões daí advindas. Na impossibilidade de um feminismo que represente as experiências de mulheres situadas em locais de culturas diversos, estamos muito mais interessadas em compor diálogos amplificados e produtivos com escritoras negras, lésbicas, não binárias, trans, camponesas, idosas, indígenas que produzem experiências feministas dissidentes – sejam em territórios metropolitanos ou interioranos. Nem todas essas sujeitas se identificam com o *feminino*, mas certamente todas rasuram as imposições que aspiram

enclausurar corpos e corpos no index de desejos comprimidos e existências autorizadas. Nesses oito anos de circuito editorial com *Profundações*, publicamos 55 escritoras e 52 fotógrafas que, em textualidades e visualidades contra-hegemônicas, têm desafiado os limites estéticos, políticos, eróticos, existenciais dos quais precisamos nos desvencilhar. Daí que as discussões sobre corporeidades - advindas de *Profundações* - se deem na encruzilhada e com vários direcionamentos possíveis.

Elisiane Matos:

Profundações deixa entrever a literatura em sua transitividade, ou seja, a escrita literária de mulheres realizando o exercício de refletir/significar sobre temas afetos aos seus respectivos lugares sociais. Pensando a transitividade, no que toca às questões presentes em *Profundações*, está o horizonte imaginativo o encontro e a interlocução com o outro, o diferente de/em nós, como uma dialética importante à produção literária?

Daniela Galdino:

Numa resposta anterior afirmei que não sou a única mulher grávida de palavras inadiáveis. Somos muitas com urgências vivenciadas a partir de lugares incontornáveis. Precisamos dizer, precisamos registrar nossas palavras para que não sejam apagadas por outrem, como provoca Gloria Anzaldúa (2000). Em busca desses diálogos que se efetivam nas nossas batalhas cotidianas, é preciso que, entre nós, evitemos o caminho da imposição universalista. Explico: um feminismo branco, acadêmico, metropolitano não pode se impor como totalidade das experiências vivenciadas por mulheres situadas em diversos lugares sociais. Penso que no caráter inconcluso das nossas lutas está o desafio em articular o dizer e o ouvir, pois toda experiência é uma particularidade. Se nos lançarmos a essa tarefa crítica, entenderemos que as nossas vozes são convergentes, mas só há convergência a partir do momento em que nos desvencilhamos das seduções universalistas. Eu vislumbro essa horizontalidade porque, aqui, a encruzilhada é requisitada em todas as suas potências.

Elisiane Matos:

Em diálogo com *Profundações* e tendo como fio condutor a escrita de mulheres, seus corpos e suas sexualidades, vamos enforçar agora suas produções, enquanto escritora. Nas obras *Espaço Visceral* (2018) e *Inúmera* (2011) você aborda questões muito afinadas à liberdade sexual, ao corpo feminino, ao erotismo, certo? Como gesto transversal, comparativamente, como estes temas afetam e são afetados pelos motes ditos universais, na literatura? E, de forma mais específica, como buscam alterar a dinâmica mulher/objeto x homem/sujeito da sexualidade na historiografia literária?

LINHA D'ÁGUA

Daniela Galdino:

Nessa pergunta você cita dois livros de poesia que publiquei em 2011 (a edição comemorativa bilingue de *Inúmera* é de 2017) e em 2018 (primeira edição de *Espaço Visceral*). No primeiro, busco materializar a estética da encruzilhada, ao rejeitar um eixo temático único que sustente a obra literária. A pessoa leitora, em contato com *Inúmera*, será desafiada a perceber entrecruzamentos eróticos, políticos, memorialísticos. Gotas de infância recuperadas, corporeidade dissidente, re-existências, imaginação transformadora, cartografia de desejos desautorizados fluem nas páginas dessa obra que, durante dois anos, foi performada por pessoas leitoras das formas mais inusitadas. Desde o seu lançamento, *Inúmera* estimulou uma iconografia dissidente constituída por seres que reelaboraram as transgressões poéticas. E assim comecei a receber fotografias de leitoras/es/ys; a surpresa foi essa: o livro era reencenado em Berlim (por brasileiros e alemães) e nos sertões da Bahia (como no caso do operário que lia poemas de *Inúmera* no ônibus da empresa, a caminho do trabalho exaustivo numa mineradora). À época o espanto gerou um texto-relato². *Inúmera* nunca esteve na vitrine ou estante de uma mega livraria brasileira, mas por causa desse livro cheguei a fazer circulação artística pela Alemanha em 2013, por ocasião da homenagem ao Brasil na Feira do Livro de Frankfurt. Passados esses anos que nos distanciam da primeira edição, penso que “Há muita vida pulsando para além dos lugares e gestos oficiais...”³, afinal, foram as pessoas leitoras, em suas experiências corriqueiras de fruição, que projetaram a obra para territórios imaginados por mim enquanto autora.

Em *Espaço Visceral*, de maneira deliberada, recuperei um dos direcionamentos da encruzilhada de *Inúmera*: a escrita erótica. Aqui a plenitude dos gozos desautorizados novamente se manifesta, não como repetição, mas antes como experiência em curso. O para além do binarismo e dos posicionamentos historicamente impostos a nós é um por fazer-se. Gosto quando Homi Bhabha (2003) discute a “descosadura iterativa”, e muito embora, ao escrever poesia, eu não requisite teorizações, aqui recupero essa imagem-conceito de Bhabha para investir na potência desse exercício de retomar genealogias opressoras para descosê-las. Expor os limites de tais genealogias irmana-se com a necessidade vital das desconstruções. Nesse voo erótico visceral, lancei-me a tais processos criativos.

Não posso afirmar que nessas duas obras “os motes ditos universais” foram afetados, ou ainda “a dinâmica mulher/objeto x homem/sujeito da sexualidade na historiografia literária” tenha sido alternada. Prefiro banhar-me nas correntezas das pessoas leitoras que, por vezes, me arrebatam.

² A autora faz referência ao texto publicado em seu blog, presente no link a seguir: CANAVIAL GRÁVIDO DE CIRANDAS | OPERÁRIA DAS RUÍNAS 2 (operariadasruinas2.blogspot.com)

³ GALDINO, Daniela. Excerto retirado do texto publicado em seu blog, presente no link a seguir: CANAVIAL GRÁVIDO DE CIRANDAS | OPERÁRIA DAS RUÍNAS 2 (operariadasruinas2.blogspot.com)

Elisiane Matos:

Em seus trabalhos, Bakhtin evidencia o caráter dinâmico da linguagem e sua potencialidade na aproximação de tempos-espacos, que permitem o entrecruzamento de sentidos. Sabendo que o corpo funciona como uma dessas instâncias mínimas de sentidos, na semiose com outras, ele é capaz de dialogicidade. No que toca às *performances* que você desenvolve, quais sentidos e diálogos podem ser empreendidos, tanto em relação as suas outras produções, como, de forma mais ampla, pensando num movimento interartes, com outras estéticas artísticas?

Daniela Galdino:

Por mais de uma vez requisitei a imagem da encruzilhada nesta entrevista. Não o fiz de maneira fortuita. Acredito mesmo nos entrecruzamentos, nas confluências e no que a pesquisadora Ciane Fernandes (2014) considera como busca somática no campo das artes. O corpo que escreve é afetado pelas imagens poéticas daí advindas. Sinto uma profunda necessidade de performar os poemas de minha autoria. Isso significa não um projeto narcisista, mas uma experiência amplificada dos sentidos. O caminho da performance permite-nos jogar com o imprevisível, intensificar os diálogos co-criativos (nas circulações nunca penso em plateia, mas em pessoas que, movidas por energias que desconheço, constroem o instante consagrado ato performático). Atualmente estou em circulação com a performance *Céu em Si* (em cartaz na programação do projeto *Arte da Palavra* – Rede SESC de Leituras), justamente nesse “movimento interartes”. *Céu em Si* nasce das intersecções poesia-performance-audiovisual-música numa grande encruza que se realiza plenamente com os intensos diálogos experienciados junto às diversas presenças do que não se pode nomear como plateia. É altamente produtivo descobrir no meu corpo os movimentos, os sons, as visualidades que representam os versos já lançados no mundo. Nesse projeto atual gravitam os medos, as angústias e re-existências de mulheres em tempos atravessados por ataques fascistas. Performar *Céu em Si* tem me permitido fazer apresentação num grande teatro (por exemplo) e, numa semana depois, estar no refeitório de uma escola pública. Não há linha reta a ser percorrida, e sim muita sinuosidade – o que considero bastante produtivo. Acredito que escrever, performar, pesquisar, produzir, editar são atos complementares dessa minha vivência inquieta e desejosa de implodir modelos assentados – tanto nas artes quanto no campo dos estudos acadêmicos. E como costumamos dizer: “eu não ando só” – estou profundamente afetada por todas as presenças que tornam possível o ato performático.

Elisiane Matos:

Por fim, na linha do entendemos como interartes, enquanto diálogo e confluência entre diferentes estéticas, como é o caso de *Profundanças*, pensando nos percursos já abertos e nas

LINHA D'ÁGUA

possibilidades ofertadas pelas categorias tecnológicas, como você imagina que as interseccionalidades podem contribuir na construção de caminhos únicos, mas plurais, no sentido de confluírem diferentes perspectivas em diálogos constantes?

Daniela Galdino:

Acredito que nas respostas anteriores eu tenha tocado nessas questões, sobretudo quando discuto a importância de construirmos a horizontalidade no campo da pesquisa acadêmica, dos espaços de debates feministas e, também, no campo editorial. Cada vez mais acredito na potência dos espaços plurirreferenciados. Precisamos ultrapassar o caráter monolítico no campo cultural.

Referências

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, ano 08, 1º semestre 2000, p.229-236. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>.

BHABHA, Homi. *O local de cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Gilka, a maldita. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, nº 15, 2014, p.117-129. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/98599>. Acesso em: 29 nov 2022

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 200p., 2017.

FERNANDES, Ciane. Pesquisa Somático-Performativa: Sintonia, Sensibilidade, Integração. *ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 76–95, 2014. DOI: <http://doi.org/10.36025/arj.v1i2.5262>.

GALDINO, Daniela. *Inúmera*. Ilhéus, BA: Editora Mondrongo, 2011.

GALDINO, Daniela. *Espaço Visceral*. Salvador: Editora Segundo Selo, 2018.